

Introdução

Em pleno dia, na hora em que as aves vão ao rio e o estômago ronca, apareceu um ser de voz inquietante e, entregando a Pepito uma sacola com 5 Bíblias, disse-lhe: Distribua-as e cria comunidades!

Passado um tempo prudente, um tempo que podes imaginar-te, apareceu de longe um ser cuja cabeça – se é que se pode chamar de cabeça – era em forma de polvo. Quando aquele ser se aproximou de Pepito, evidenciou-se que a cabeça não era um polvo, e sim poucos cabelos compridos em uma cabeça quase careca de um grande biblista. O biblista havia sido enviado pelo ser da voz inquietante. Aproximou-se ainda mais de Pepito e perguntou: Distribuístes as Bíblias?

Sim, todas foram repartidas, porém em partes – respondeu Pepito.

Como em partes, se tu dizes que todas foram distribuídas? – perguntou, confuso, o ser de poucos cabelos compridos em sua cabeça quase careca.

Pepito, com voz carinhosa e suave, respondeu: Por aqui passaram poetas pedindo poesias, e eu dei o livro dos Salmos; passaram revolucionários, e lhes dei Êxodo e Josué; passaram pobres, e lhes dei os Evangelhos; pentecostais, e lhes dei os Atos dos Apóstolos; visionários, e lhes dei Daniel e Apocalipse; matemáticos, e lhes dei o livro de Números, e assim...

Louco, louco! – repetiram em coro o ser de poucos cabelos e o ser de voz

inquietante, e acrescentaram – A Bíblia não pode ser lida em partes.

Então, vozes dos quatro pontos, vozes cujos rostos quase destruídos estão se formando cantaram “No pouco foste fiel, sobre muito te colocarei”. E de repente uma nuvem da terra clamou: Muitos têm a Bíblia completa, porém não vêem os afro-descendentes filhos de Asenat; têm a Bíblia completa, porém não escutam o clamor das mulheres, dos iraquianos-persas, dos palestinos...

1. A Bíblia é uma história afro ou contém histórias afro?

As respostas a essa questão teriam algum tipo de valor se primeiro perguntássemos: o que se entende por **história**? Provavelmente é este o principal obstáculo com que os afro-descendentes nos deparamos ao aproximar-nos da Bíblia. A análise da Bíblia tem levado à criação de ciências como a arqueologia bíblica, que se destaca pela posição concordista caracterizada pela frase: “Os restos de vasos de barro e peças arquitetônicas mostram e reafirmam o que a Bíblia disse”. Esta posição que visava a demonstrar a verdade dos fatos a partir dos “restos materiais”, como sabemos, rápido se deparou com a perturbadora realidade de que muitos dos acontecimentos narrados na Bíblia não coincidem com a interpretação arqueológica dos materiais descobertos. Por outro lado, é enorme a lista de estudiosos que defendem que a Bíblia não se pode tomar como história, e, mais ainda outros,

como Oscar Cullmann, expressam que a Bíblia é uma obra onde mitos e realidade são considerados como fatos. Porém, em realidade, que entendem os arqueólogos e Oscar Cullmann² como história? Qual é o conceito de história que eles têm? Com certeza, se tomamos o conceito de história europeu clássico, teremos que estar de acordo que a Bíblia não é um livro cujas narrativas de fatos possam ser consideradas históricas. Os historiadores clássicos europeus e, por causa da educação os teólogos formados sob a influência de seus conceitos e categorias históricas não conseguem um entendimento plausível que esteja de acordo com a fé que pressupõe a veracidade das narrações bíblicas. Por isso é comum escutar certos teólogos dizerem, *Isto é verdade histórica e aquilo simplesmente faz parte do imaginário da época*. Von Rad, por exemplo, diz categoricamente: "A crítica bíblica se encarregou de destruir alguns elementos deste panorama. Numerosas narrativas, particularmente da época dos patriarcas ou de Moisés, são reconhecidamente lendárias e não podem servir, como tais, de documentos úteis à reconstituição exata dos acontecimentos históricos"³. Qual é a história que não faz parte do imaginário e das lendas de uma época? Quando lemos a existência de um homem chamado Sócrates, acaso não estamos lendo a imaginação que teve um tal de Platão que escreveu sobre seu mestre? E se lemos as grandes façanhas de Alexandre Magno, não será que estamos lendo a maior parte da imaginação de um puxa-saco da corte que por medo ou outros

motivos escreveu dessa forma? Estas perguntas já foram formuladas por muitos pensadores como Espinoza, Nietzsche e outros⁴, que estão em total acordo com a afirmação questionadora de Maquiavel⁵:

Ninguém deve deixar-se enganar pela glória de César, tão decantada pelos escritores; porque a verdade é que esses escritores foram, ou corrompidos pelo dinheiro de César, ou atemorizados pela longa duração do império que conservou o seu nome, e que não permitia que se falasse dele com liberdade.

Seguindo o conceito de história europeu para aproximar-nos da Bíblia, nos defrontaremos com muitas dificuldades para uma correta interpretação. Não se deve interpretar a Bíblia com olhos exclusivamente europeus, porque os códigos dos escritores do AT e NT correspondem a uma cosmovisão cujos referenciais conceituais estão determinados pelas confluências de muitas culturas e de dissímiles etnias. Portanto, consideramos que a Bíblia *não é exclusivamente uma história afro*, pelo contrário, pensamos que se trata da revelação de Deus que inclui em sua forma e conteúdo aspectos de todos os povos circunvizinhos, e também daqueles que foram incorporados, tais como as cananéias Tamar e Raabe (Gn 38; Js 6.17), Urias o heteu (1Sm 11.3-26), a moabita Rute (Rt 1-4), os geteus (2Sm 15.18-22), militares etíopes (2Sm 18.32), mulheres egípcias e de outras nações (1Rs 11.1).

Nossas afirmações, como se compro-

va pelos textos assinalados, é que a Bíblia constitui uma produção que nasce do convívio de muitos povos. Agora existe uma segunda questão: é possível determinar aquelas partes ou conteúdo dentro da Bíblia elaborada pelos afro-descendentes? Sim, mas ainda não. Sim, no sentido de que já contamos com pesquisas que demonstram a africanidade de costumes, títulos sócio-político-religiosos, personagens e, no caso que nos ocupa, etnias. *Ainda não*, na perspectiva de que nossos esforços investigativos ainda estão em processo de construção – isso aceitamos com honradez. Por enquanto, nos sentimos felizes de poder responder àquela antiga pergunta que fez o teólogo africano Santo Agostinho de Hipona, quando escreveu: “Que tem que ver Jerusalém com Atenas?”. Nossa resposta é: Muito!, porque a Bíblia e a cultura israelita, segundo o Dr. Peter Nash, a Dra. Maricel Mena-López, o grupo Identidade e outros, são um produto afro-asiático; com respeito a Atenas, o historiador afro-norte-americano Martin Bernal, em seu livro *Black Athena*, demonstrou recentemente a base afro-asiática tanto da civilização clássica como da própria Atenas. Em ambos os casos, o princípio é o mesmo: olhar com olhos além dos olhos europeus, isto significa interpretar a partir dos referenciais conceituais-teóricos da história africana e de outros povos que fizeram parte da civilização mediterrânea.

2. Observações em perspectiva clássica de Gn 37-50

A história de José, cujo seu único sentido parece ser o de servir de fundo ao progresso da nacionalidade a partir de Jacó, agrupa em seu conjunto um tecido entre as fontes J e E, e também algumas fórmulas da fonte P. Pelas fissuras, duplicações e notas características, os especialistas têm identificado as procedências tradicionais das partes do texto segundo as fontes. No relato atual se podem constatar com relativa facilidade as fissuras que se dão nos contrastes bruscos e inesperados da vida de José. Observe-se: José, amado por Jacó e odiado pelos irmãos (1-4); reação de prudência no pai e de ódio nos irmãos ante um duplo sonho de José (5-11); enviado ao campo para visitar a seus irmãos, estes, ao vê-lo, maquinam sua morte e decidem deixá-lo morrer em uma cisterna vazia (12-24); venda de José a mercadores (25-28); enquanto os irmãos falseiam o fato ante Jacó, José é levado ao Egito e vendido a Potifar (29-36)⁶. Enquanto outros especialistas fazem um grande esforço para determinar que parte pertence a qual fonte, o reconhecido teólogo Gerhard von Rad se detém em ver que a história de José não está vinculada, como os ciclos patriarcais, a algumas sagas daqui e dali relacionadas com localidade de culto, terra, sucessão, unidas entre si pelo Javista, ou por qualquer outro antes. Para von Rad, na história de José estamos frente a uma novela que descreve cenas deslumbrantes, estados psicológicos complicados, desvinculados totalmente de lugares de culto ou pontos concretos. Esta história é

uma novela, segundo von Rad, criada por um círculo de intelectuais da corte que se tornaram conscientes de suas forças espirituais e de sua razão ordenadora, e entraram em seu campo visual dimensões novíssimas do mundo que os rodeia (dentro e fora), que a fé dos antigos ainda não havia percebido. Podemos concluir afirmando que para os especialistas não existe um acordo comum a respeito da procedência (fontes) da “história de José”. Uns tendem a fazê-la parecer um rosário de sagas mais ou menos tecidas; von Rad, por seu lado, entende que se trata de uma narração didático-sapiencial, tanto no tocante a seu ideal de formação quanto a seu pensamento teológico fundamental, dependendo de fortes estímulos que tinham partido do Egito. Existem também outros teólogos e biblistas, como Storniolo⁷, que não se interessam pelas fontes, nem pela procedência dos estímulos, mas a identifica de modo absoluto como um artifício salomônico que teve por objetivo único legitimar duas coisas: sua ascensão ao trono, sem ser ele o primogênito, e a odiosa exploração do povo.

3. Observações sobre Gn 37-50 desde a Negritude

Pelo menos duas fontes egípcias têm sido estudadas com profundidade e sua forma e conteúdo identificadas com a história de José: *Os dois irmãos* e, *Sinuhe o egípcio*. O conto *Os dois irmãos*, cujo fundo é mitológico, narra a história de dois irmãos: Anpu, o maior, que trata a seu irmão Bata como escravo. Os pontos de coincidência entre este conto e a

história de José são muito fortes, a saber, quatro elementos: a) Nos dois casos se trata de escravos (José e Bata); b) Nos dois casos, de forma exata, há uma recusa à mulher adúltera; c) Nos dois casos, a mulher adúltera usa a mesma estratégia e logra o mesmo efeito de expulsão, no caso de José para o cárcere e Bata consegue fugir; d) Nos dois casos, eles chegam a ser governadores do Egito⁸. As comparações entre *Sinuhe o egípcio* e a história de José se assemelham no conteúdo, que vai desde o exílio, alta posição no estrangeiro, até finalmente reconhecimento pelos seus. Percebemos também que na história de José há uma presença marcante de aspectos e traços de origem egípcia que denuncia ou desperta uma conexão elevada entre os escritores da história de José, as tribos de Efraim e Manassés e o Egito. Para somente citar alguns aspectos, observe-se: 1 – Nome egípcio “Asenat” = “dedicada à deusa Neith”; 2 – O costume da troca de nome, José passou a chamar-se “Zafnat-Panea” = “Deus tem falado e ele vive” ou “o que sabe as coisas”⁹; 3 – Os termos “prados” (41.2), “magos” (41.8), “linho”, “dobrar o joelho” (41.43) são do vocabulário egípcio; 4 – Os funcionários da corte egípcia, “copeiro”, “padeiro”, “governador (vizir)”; 5 – Importância dos sonhos e respeito aos intérpretes; 6 – Tabus e preconceitos (43.32, 46.34); 7 – Métodos feudais de governo (47.13ss); 8 – Gosto pelos costumes e usos do Egito, como o esplendor da corte dos faraós, armazenamento de trigo e práticas de embalsamamento dos cadáveres¹⁰.

4. Perguntas ainda não

respondidas e impressões

* A primeira impressão com respeito a Storniolo, também se aplica às demais propostas. A dúvida da veracidade da história de José decorre majoritariamente do conceito de história ocidental e de uma atitude racista que intenta anular a procedência africano-egípcia das tribos de Efraim e Manassés. Afirmando que a história de José é uma invenção artificialmente salomônica se erradica por completo a prova genealógica (histórico-biológica) que os/as negros/a utilizam para resgatar a africanidade de uma parte do povo de Deus na Bíblia.

* Tomando como certo as teses de que a história de José que o vincula as tribos de Manassés e Efraim é uma mescla de diversas fontes judaíta-israelitas (J, E e P), por que motivos apresentam essas duas tribos como descendentes da egípcia Asenat?

* Seguindo o raciocínio de von Rad, de que a história de José é uma criação de um círculo de intelectuais da corte, qual é a necessidade de ligar a origem dessas duas tribos, não somente a uma mulher egípcia, mas também a um sacerdote de On? Como é possível que Salomão, sendo membro da tribo de Judá, utilize em sua indumentária ideológica a figura de José que representa as tribos do norte, que já naquele tempo intentavam separar-se? Nesse sentido devemos deter-nos em 1 Reis 11, onde se explica a causa dos diferentes inimigos “que Deus levantou contra Salomão” (1Rs 11.23). Entre eles estava Jeroboão efrateu, líder da “casa de José” (1Rs 11.28), o qual se viu obrigado a

exilar-se no Egito até a morte de Salomão, mas depois regressou e foi consagrado rei por um profeta de Silo. Von Rad e Storniolo, quem teria partido do Egito, os estímulos ou as pessoas estimuladas a escrever essa história?

* Em que se parecem as duas tribos de Manassés e Efraim com os egípcios? Em que se parecem as duas tribos de Manassés e Efraim com os judaíta-israelitas?

* Se Salomão foi o autor intelectual da história de José, de nenhuma maneira aceitaria que a bênção dada por Jacó a Efraim e Manassés foi igual à pronunciada sobre Judá; compare a bênção de Manassés e Efraim (Gn 48.14-22) com a bênção de Judá (Gn 49.8-12).

* Na história de José em Gênesis 49.10, que faz parte da bênção à tribo de Judá da qual Salomão é membro, aparece um elemento histórico que corresponde ao início do Reino do Norte.

O cetro não se arredará de Judá

Nem o bastão de entre seus pés

Até que venha Silo

E a ele obedecerão os povos.

Este versículo denuncia a fragilidade do reino de Salomão e a irrupção na história do profeta Aías silonita, quer dizer de Silo, que veio para derrubar o governo de Salomão “de Judá” sobre a multidão dos povos do norte e a implantar um efraimita no trono (1Rs 12).

Conclusão

Consideramos de muito importância a participação dos e das biblistas na reconceitualização da história, porque sabemos da admiração e do respeito que o povo afro-Latino-americano tem pela

Bíblia e, por conseguinte, pelos/las biblistas, que em muitos casos utilizam o método histórico-crítico e não explicam a qual conceito de história se referem. Não se trata somente de mencionar ou tentar compreender o texto a partir dos sujeitos negros, mulheres, camponeses e pobres; além disso, o misterio radica na aceitação e trabalho sistemático com as categorias, esfera simbólicas e estrutura do mundo com os que os escritores sagrados articularam as condições em que viviam. Estamos conscientes do tempo que já passou desde que Pepito rasgou a Bíblia em partes para distribuí-las segundo a necessidade daqueles que o rodeavam, dos 36 anos da memorável assembléia do CMI em Upsala que propôs e dedicou muitos esforços e dinheiro na década de 80 para erradicação do racismo na Igreja¹¹, e dos dez anos que passaram desde que o filósofo cubano Raúl Fernet-Betancourt¹² insistia no reconhecimento da pluralidade interpretativa que deve-se tomar em conta ao falar da América Latina. Agora, no marco desta atividade da RIBLA sobre a temática afro-asiática na Bíblia, que entendemos como um sucesso, cremos que é uma grande oportunidade para recordar a condição e a cosmovisão dos afro-descendentes hoje na Afro-Latino-América e ontem dentro do texto bíblico. Nosso desafio, ao final, é, primeiro, reconhecer a forte labor de inclusão pluriétnica dos e das biblistas afro-latino-americanos, e, segundo, lançar o grito de estímulo para que se observe que conceito de história temos em mente quando nos aproximamos da Bíblia.

Notas

- 1 Teólogo cubano membro do grupo Identidade, e estudante da pós-graduação IEPG em São Leopoldo, Brasil.
- 2 CULLMANN, Oscar. *Cristo y el tiempo*. Barcelona: Estela, 1968.
- 3 Von Rad, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1973, p. 23.
- 4 Cf. SCHOPENHAUER, A. KIERKEGAARD, S. et al. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Agostinho, Espinoza et al. *Textos de hermenêutica*. Portugal: Rés, 1984.
- 5 MACHIAVELLI, Niccolo. *O pensamento vivo de Maquiavel*. São Paulo: Martins. 1968.
- 6 Cf. DEREK, Kidner. *Génesis. Introducción y comentarios*. Buenos Aires: Certeza, 1985, p. 216-217.
- 7 STORNILO, Ivo. A história de José do Egito ou a ideologia do reino de Salomão. *Revista Vida Pastoral*. São Paulo: Paulus. Ano XXXVII, n.º.187. março-abril 1996, p. 2-6.
- 8 Cf. BARUCQ, B, COQUOT A, et al. *Escritos do oriente antigo e fontes bíblicas*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 108-109.
- 9 Cf. DEREK, Kidner. *Génesis. Introducción y comentarios*. Buenos Aires: Certeza, 1985, p. 122-140.
- 10 Cf. GIBSON, John C.L. *Gênesis II*. Buenos Aires: La Aurora, 1989, p. 316.
- 11 Cf. CELADEC. *¿Como enfrentar el racismo en la década del 80?*. Lima/Peru: CELADEC. 1980, ver PLR. *Las Iglesias frente al racismo en la década del 80*. Mexico: Casa unida de publicaciones. 1980
- 12 Cf. FERNET-BETANCOURT, Raúl, *Problemas atuais da filosofia na hispano-américa*, São Leopoldo: Unisinos, 1993. y, *Questões de método para uma filosofia intercultural a partir da Ibero-América*, São Leopoldo: Unisinos, 1994.